

SUBJETIVIDADE E SAMBA: INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS¹Tânia Maia Barcelos²

RESUMO: O texto apresenta alguns elementos reflexivos sobre a pesquisa que venho desenvolvendo no campo da subjetividade. Esta pesquisa busca problematizar as possibilidades de invenção de novos ritmos de vida, na contra-mão das estratégias mercadológicas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Samba. Corpo. Mercado. Invenção. Resistência.

Este texto visa apresentar, de forma sucinta, algumas reflexões da pesquisa que venho desenvolvendo no campo da subjetividade, tarefa que me remete aos pontos de partida dessa aventura, se é que posso chamar a experiência da pesquisa de aventura.

Desde o mestrado, tinha claro que, mais que defender uma tese, eu precisava encontrar aliados que me ajudassem a lidar com os diversos tipos de desconfortos experimentados na pele, naquele momento. As referências teóricas no campo da Psicologia - minha área de formação - eram insuficientes para compreender as mutações da subjetividade no mundo atual. Os modelos de militância encontravam-se esvaziados e os modos de pensar, sonhar e viver andavam visivelmente em crise. As “certezas” construídas, sobretudo, na década de 80, desmoronavam-se e geravam sensações de estranhamento. Era como se não tivesse chão firme para pisar.

Na pesquisa, parti da constatação de que os modos de vida contemporâneos têm nos deixado de “saías justas,” pois nos obrigam a dançar inúmeros ritmos, sem garantir o tempo necessário da escolha dos trajés. Quantas vezes, sem saber o que fazer, perguntamos: como vestir a alma com novos trajés? Como forjar outras possibilidades de vida? Como dançar o “samba” que a vida hoje nos convida? Que samba é esse? Enfim, “Com que roupa eu vou pro samba?”³

Brincando com as imagens Samba e Roupa, transitei pelos autores escolhidos e construí o campo de problematização da pesquisa. Chamei de *samba da desterritorialização*⁴ os efeitos dos movimentos contemporâneos na subjetividade, tais como os da globalização e os das virtualizações constantes. Estes efeitos desfazem os territórios constituídos, ininterruptamente, e a deslocam de suas referências habituais, obrigando-a a experimentar mudanças diversas, não só no plano macro político, mas, também, nas esferas mais íntimas do cotidiano. Em xeque e forçada a mudar, a subjetividade tenta criar outras maneiras de se relacionar com o espaço, com o tempo, com o corpo, com a alteridade. Para auxiliá-la a lidar com os desconfortos decorrentes desse samba, o mercado oferece inúmeras propostas de mudanças, muitas vezes, engolidas às pressas e sem problematização da micropolítica em jogo. Exemplo disso são as literaturas de auto-ajuda - que vislumbram figuras eficientes e criativas para atender as demandas do jogo mercadológico - e os discursos que apostam no uso competente das emoções e sugerem “harmonia” entre razão e emoção, sem no entanto, problematizar, efetivamente, as formas vigentes de sentir e pensar.

¹ Texto apresentado como comunicação de pesquisa durante o I Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Uberlândia, em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia e Movimentos Sociais. O encontro foi realizado em setembro de 2004. A referida comunicação remete à pesquisa de doutorado, em andamento, desenvolvida no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP, sob a orientação da Professora Dr^a Suely B. Rolnik.

² Professora de Psicologia da Educação do Curso de Pedagogia do Campus de Catalão/UFG. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC de São Paulo.

³ Título da dissertação do mestrado, inspirado na música “Com que roupa?” (Noel Rosa)

⁴ Movimento de intensificação das perdas de antigas referências ou territórios, nos quais a subjetividade se sente “em casa”. Cf. GUATTARI, F & ROLNIK, S. *Micropolítica – cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Como afirma Fernando PESSOA,⁵ “o único modo de haver coisas novas, de sentir coisas novas é haver novidade no senti-las”. Dessa forma, falar em alfabetizar ou em reaprender as emoções sem colocar em xeque as formas hegemônicas de sentir, talvez, seja apenas uma aposta no uso politicamente correto das emoções, correndo o risco de ajustá-las aos discursos que exaltam a competência e a excelência, tão em voga nos últimos tempos.

Acredito que se consumimos, apressadamente, as estratégias do mercado, podemos cair na armadilha de fortalecer algo que nosso corpo gostaria de se livrar: a imposição do “eu”, que incorpora modelos e promessas de bem-estar e estabilidade. Esta postura sinaliza, também, um paradoxo na subjetividade militante: se de um lado, ela resiste às políticas desenvolvidas no campo da economia, da educação, da cultura, da saúde etc., de outro, ela é capturada e levada a acreditar que as mudanças pessoais e a “harmonia” entre razão e emoção aliviam o mal-estar da subjetividade no mundo contemporâneo.

O passeio pelas estratégias do mercado levou-me a constatar que não há trajes prontos para vestir a subjetividade, nem receitas, nem manuais de como ser feliz. Não há outro caminho a não ser inventar, infinitamente, outros finitos modos de existência. E um critério fundamental para isso é aprender a resistir às políticas que capturam a subjetividade, veiculadas pela mídia e, geralmente, desconectadas dos estranhamentos que o corpo experimenta. Ou seja, não há alternativa de mudança a não ser pelo aprendizado da invenção, sem, no entanto, perder de vista a força de resistência diante das promessas de que tudo vai mudar, “basta acreditar”.

Foi a possibilidade de invenção que me aproximou do samba – gênero musical brasileiro. Supus que, se estamos com dificuldades de dançar o “samba” do mundo contemporâneo, talvez, a música pudesse nos ajudar nesse aprendizado. Talvez, aprendêssemos a “rebolar” de outras maneiras, escutando outros ritmos e não apenas o ritmo que a mídia e o mercado impõem.

É nesta direção que se move a pesquisa que venho desenvolvendo atualmente: na perspectiva do aprendizado de um corpo que necessita aprender a forjar ritmos de vida que não o sufoquem. Já não agüentamos mais atender às demandas de mudanças vindas de todos os lados; também não suportamos mais nos conectar, alegremente, às novidades lançadas a todo instante. Haja corpo para suportar tantas imposições e regras de como vestir, como comer, como emagrecer, como divertir, como descansar, como amar, como não envelhecer, como fazer sexo, como enriquecer, como fazer sucesso etc.

Sem pausas e sem intervalos, o corpo e a subjetividade desfazem e refazem, “atleticamente”, suas formatações, acreditando estarem conquistando flexibilidade e criatividade para se adaptarem aos novos tempos; flexibilidade, sobretudo, para aderir às novidades e obter sucesso, bem-estar e “inclusão” social.

Embora a pesquisa esteja em andamento, já começo a vislumbrar algumas pistas fundamentais de aprendizado da subjetividade. Neste aprendizado, o pensamento e o corpo dançam “miudinho” para escutar e acolher os estranhamentos visíveis e invisíveis que os inquietam. Ao convocar o corpo para compor com ele, o samba obriga-o a incorporar outros ritmos, explorar outros movimentos e experimentar intensidades diversas. No encontro com as vozes, com as composições, com os jogos e as brincadeiras que perpassam o samba, o corpo e a subjetividade são tomados por estranhas velocidades, lentidões, alegrias, tristezas, breques e continuidades. Eles tateiam diferentes modos de se lidar com o ritmo, com o tempo, com os afectos e com a vida.

⁵ PESSOA, F. *Livro do desassossego*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, v. 1, 1996.

As sutilezas do aprendizado geram deslocamentos na subjetividade que a fazem experimentar outros modos de aceleração e desaceleração, breques, pausas e entre-tempos. A dor é vivida não como obstáculo da vida, mas como possibilidade de afirmá-la; a resistência alia-se maliciosamente à invenção e a alegria torna-se força paradoxal que afirma o caráter trágico da vida.

Estas pistas de análise que a pesquisa sinaliza não levam à diabolização da globalização, das mudanças tecnológicas e dos ritmos de vida contemporâneos, mas buscam problematizá-los, sem embarcar compulsivamente nas ondas do mercado e sem desejar a volta ao passado na tentativa de recuperar algo perdido. Não se trata de fazer apologias ao samba ou de sugerir a dança como receita de ser feliz, mesmo porque o próprio samba ou a dança, também, são capturados pelas estratégias mercadológicas. Trata-se, portanto, de aprender a resistir às imposições vigentes, sem, no entanto, emperrar as possibilidades de invenção da vida.

Referências bibliográficas

BARCELOS, T.M. **Com que roupa eu vou pro samba?** 1999. f. 100. Dissertação (Mestrado em psicologia). Programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

PESSOA, F. **Livro do desassossego.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade. In: LINS, D. S. (Org.). **Cultura e subjetividade:** saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.